

ESPECIALIZAÇÃO

Faculdade de Odontologia

- Dentística Restauradora
 - ★ Aprovado pelo COCEP em 24/04/86
 - Prótese Dentária
 - ★ Aprovado pelo COCEP em 16/06/88
 - Cirurgia e Traumatologia Bucamaxilofacial
 - ★ Aprovado pelo CFE – Parecer nº 123/86 de 21/02/86
 - Odontologia Legal
 - ★ Aprovado pelo COCEP em 13/04/89
 - Odontopediatria
 - ★ Aprovado pelo COCEP em 26/10/89
- Informações: FO – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3123

Faculdade de Serviço Social

- Segurança do Trabalho para Assistentes Sociais
 - ★ Aprovado pelo COCEP em 13/04/89
- Informações: FSS – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3330

Instituto de Biociências

- Toxicologia
 - Biologia Celular
 - Zoologia
 - ★ Aprovados pelo COCEP em 21/08/80
- Informações: IBIO – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3148

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

- Museologia
 - Antropologia Social
 - ★ Aprovado pelo COCEP em 13/04/89
- Informações: IFCH – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3148

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

- Criminologia
 - ★ Aprovado pelo COCEP – Parecer nº 03/90 de 11/01/90
- Informações: PRPPG – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3289

A Actual Literatura
dos Cinco

Pires Laranjeira

Universidade de Coimbra

Para Volnyr Santos

1

Para falar de literaturas africanas de língua portuguesa é preciso adiantar alguns dados que melhor ajudem a situar o leitor. Antes de mais, que elas se designam globalmente desse modo, primeiro por tradição (se bem que outras designações mais antigas tivessem feito carreira e caído de moda) e, depois, porque, com as independências políticas das antigas colónias portuguesas (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe), os estudos das literaturas africanas, fora de África, a nível universitário, fazem-se numa só disciplina com nome englobante e não com a indicação nominal de todos os países e literaturas constituintes. Convém, pois, estar consciente de que essas literaturas não se desenvolveram em conjunto, se bem que, a partir do final dos anos 40, uma estratégia frentista no campo político-cultural, levada a cabo pelos próprios africanos, assim tenha feito pensar os seus receptores extra-africanos.

Tais literaturas são extremamente jovens. O primeiro livro tem 141 anos, mas só no actual século, na década de 30, em Cabo Verde (com o grupo Claridade), e na de 50, em Angola (com a *Mensagem*), é que elas ganharam a sistematicidade suficiente para se diferenciarem, em definitivo, da literatura portuguesa, a sombra que, até aí, as alimentava de estilo e imaginário clássicos, românticos e finisseculares. Com a assunção do neo-realismo português, do modernismo brasileiro e da negritude, nos anos 50, sobretudo as literaturas angolana e moçambicana derivaram concludentemente para o compromisso da

africanidade e do nacionalismo. A partir de então, as literaturas africanas tornaram-se num dos instrumentos de luta anti-colonial, de revalorização da África e dos africanos, verificando-se uma variedade significativa de temas, problemas, estilos.

A parte substancial das literaturas africanas que nos ocupam, na sua vertente criativamente inovadora e autónoma, esteve sempre ao serviço da luta contra o regime colonial. Nessas literaturas são hoje clássicos nomes como os de Castro Soromenho, Agostinho Neto, José Luandino Vieira (Angola), José Craveirinha, Orlando Mendes, Luís Bernardo Honwana (Moçambique), Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Teixeira de Sousa (Cabo Verde) e Francisco José Tenreiro (S. Tomé e Príncipe).

Interessa ainda considerar que, até às independências, em 1975, existiam três condições sócio-políticas e culturais de produção dessas literaturas, gerado temáticas e estratégias textuais diferentes. Em primeiro lugar, desde sempre, uma *situação colonial*, compreendendo certas cidades coloniais (Luanda, Benguela, Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Lourenço Marques, Beira, Mindelo, Praia), nas quais, sobretudo após a eclosão da luta armada de libertação nacional, em 1961, a actividade literária passou ao regime de *ghetto*, devido à vigilância e repressão policial e censória. Em segundo lugar, uma *situação de diáspora*, que se intensificou com o exílio dos escritores militantes, a partir do final da década de 50, publicando originais, em várias zonas do mundo (Brasil, Itália, França, União Soviética, Argélia, etc.), que apelavam ao regresso como modo de sanar a saudade e reconquistar a terra, pondo cobro à sensação dolorosa de despaiamento. Finalmente, uma *situação de guerrilha*, com inteira liberdade de invectiva contra o imperialismo, o colonialismo e todas as formas de opressão e repressão, em que a temática da guerra de libertação nacional e a apologia dos movimentos políticos feriam a nota dominante, dando voz ao militante praticamente analfabeto, que tinha direito a ver os seus poemas ineptos em letra de forma.

2

As independências, no ano de 1975, marcam uma viragem decisiva nos rumos dessas literaturas.

Angola revela, como sempre, um potencial literário inigualável. Um mês após a declaração da independência, era fundada, em Dezembro de 1975, a União dos Escritores Angolanos. Passados 15 anos, a divulgação dos inéditos de José Luandino Vieira, Pepetela, Uanhenga Xitu e outros contribuiu decisivamente para a confirmação de Angola como a maior "potência" literária dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Todavia, não se ficou pela edição dos "clandestinos" a actividade livreira do país.

Logo a seguir a um surto nacionalístico de incentivo e divulgação de textos literários glosando e glorificando a luta de libertação nacional, a épica do povo sublevado e seus heróis, além do culto da independência e das linhas de força da política nacional (alguma poesia baseava-se na reprodução de palavras de ordem), começou a aparecer uma literatura inconformista e crítica, cujos precursores eram, sem dúvida, *Maiombe* (escrito em 1971, publicado em 1980), de Pepetela, romance simbólico sobre o interior da guerrilha, seus heroísmos, mitos, racismos, tribalismos e corrupções e também *As sementes da liberdade* (1965), de Manuel dos Santos Lima, o único romance cujos cenários são tanto a guerrilha como a guerra colonial no interior das fileiras portuguesas, escrito por quem, de facto, viveu as duas faces desse confronto. O próprio Pepetela deu continuidade ao posicionamento crítico que iniciara com o "clandestino" *Maiombe* (que sofreu vicissitudes para ser publicado em Angola, após a independência), escrevendo *O cão e os caluandas* (1985), uma narrativa picaresca em torno da vagabundagem de um cão, o que permite abordar vários estratos sociais, situações profissionais e políticas, falências familiares e económicas, etc., numa perspectiva crítica que ainda hoje não agrada a alguns sectores da própria intelectualidade angolana. Também Manuel Rui, com *Quem me dera ser onda* (1982), constrói uma *charge* narrativa muito divertida sobre as situações caricatas, mas dramáticas, geradas na sociedade angolana moderna pela inexperiência política, administrativa, gestional e profissional.

Após a euforia da literatura épica e hagiográfica, sobretudo cristalizada numa produção poemática que envolveu ex-combatentes, velhos quadros políticos e neófitos, outro tipo de literatura acabou por prevalecer. Por um lado, uma certa vertente casticista, baseada no aproveitamento da herança cultural tradicional (rural e tribal), vinha substituir o nacionalismo ideo-político da primeira avalanche de textos pela fundamentação etno-histórica. O exemplo mais consistente na

narrativa, por mais elaborado e grandioso, parece-nos o de *A konkí-hava de Féti* (1981), de Henrique Abranches. Na poesia, Arlindo Barbeitos publicou *Angola, angolê, angolema* (1976), no qual os elementos significantes arrancados à literalidade tradicional, se transformam numa semântica simbólica da angolanidade e da universalidade humana. Por outro lado, certos autores, como Uanhenga Xitu e Boaventura Cardoso, perpetuam a via aberta por Luandino Vieira, impondo uma criatividade irónica ou linguística, sempre com radicação no substrato cultural invariavelmente identificado com a regionalidade rural, pelo menos através de localismos linguísticos, tipicísmos comportamentais ou idiossincrasias filosóficas e ideológicas. Finalmente, uma via de mais intensa elaboração vocabular, que assume os contributos do concretismo, do experimentalismo e da "filigrana" discursiva, adoptou uma escrita moderna, livre do *engagement* militante e do fundamentalismo etnológico, propensa a temáticas e semânticas essencialistas e universalizantes (o amor, a morte, a escrita, a libido, etc.).

Numa primeira etapa, ainda na vigência da era colonial, há os livros de João-Maria Vilanova, *Vinte canções para Ximinha* (1971), de Ruy Duarte de Carvalho, *Chão de Oferta* (1972), e de David Mestre, *Crónica do ghetto* (1973), o primeiro sem abdicar da nítida necessidade de (de)marcação angolanística, pela recorrência ao vocabulário e imaginário típicos, o terceiro estribando-se nas alusões anti-colonialistas, ambos devedores de um cuidadoso empenho no trabalho oficial, enquanto o de Ruy Duarte de Carvalho, mais concentrado no apagamento referencial, não deixou de localizar-se, quanto ao espaço geo-social, numa região de Angola até aí pouco explorada textualmente, o Sudeste. Destes primeiros representantes de uma corrente literária (mais poética que narrativa) assumidamente preocupada com a renovação estilística, imagética, temática e formal, João-Maria Vilanova é o que se prende mais com a herança dos *sixties* militantes e combativos. Dos outros dois, Barbeitos deixa-se seduzir pelos ecos etnológicos e filosóficos da "África profunda", mas não cede à tentação da palavra persuasiva/apelativa, optando por um solipsismo simbólico, por vezes mágico.

David Mestre, de livro para livro, procede ao dessoramento da palavra, mantendo, em *Do canto à idade* (1977), certas proposições de compromisso social e ideológico, para, no último livro de poemas, *Nas barbas do bando* (1985), assumir a que julgamos a ser a

sua paixão mais duradoira, a da poesia que a si própria se interroga, dando livre curso, em simultâneo, à temática erótica (da linguagem e do corpo). Ruy Duarte de Carvalho, nos livros posteriores, sobretudo em *A decisão da idade* (1976), que retoma poemas do primeiro, e *Hábito da terra* (1988), prossegue um itinerário de radicação telúrica e busca existencial e de uma meta-poética perfeitamente singular, inovadora, no âmbito dessas novas literaturas. O seu livro de estórias, *Como se o mundo não tivesse leste* (1977), e uma selecção de textos da expressão oral africana (versões, derivações, reconversões, como ele as designa), intitulada *Ondula, savana branca* (1982), para além de outros títulos poéticos ou relacionados com a escrita do cinema, prolongam a singular apetência pela etnologia e os seus lugares de exercício, a sul.

3

Na sequência da independência nacional e da fundação da União dos Escritores Angolanos, foi lançada a gazeta de literatura e arte, em Outubro de 1976, primeiro como suplemento de jornal (apenas quatro números) e, mais tarde, em Janeiro de 1979, como mensário que durou até Dezembro de 1985. A seguir à independência, páginas culturais no *Diário de Luanda* e no *Jornal de Angola* serviram para a revelação de inéditos, o lançamento de novos nomes e principalmente para a reiterada reafirmação da literatura como fórmula ideológica de exaltação nacional e apologia do poder político. Com o fecho do primeiro daqueles jornais, restou o diário *Jornal de Angola*, actualmente o único órgão da imprensa a sair com regularidade, que mantém, semanalmente, duas páginas de "Vida & cultura", onde a literatura (criação e ensaísmo) ocupa um espaço privilegiado.

Na década de 80, com a Faculdade de Letras inoperacional, os angolanos confrontaram-se com o problema da *sucessão literária* das gerações mais antigas, face à inexistência de meios culturais propícios à renovação. Passada a euforia da independência e perante as condições adversas, criou-se, em Julho de 1981, a Brigada Jovem de Literatura, que editou três números de uma publicação chamada *Aspiração*. Hoje em dia, essa organização reúne cerca de 500 jovens, em toda a Angola, que dão os primeiros passos na espinhosa senda da literatura, querendo isto significar que vão sobretudo lendo e discutindo e,

somente uns poucos, escrevendo com o intuito de publicarem. Existe uma certa controvérsia, no círculo dos intelectuais angolanos, sobre a eficácia desta organização, cujo trabalho, na opinião de muitos, se tem revelado insignificante. Analisando os textos literários dos primeiros tempos, verifica-se que a Brigada manteve da literatura uma visão muito estreita, algo sobredeterminada pela política. Muitos transitaram para a União dos Escritores Angolanos, após publicarem um primeiro livro. À margem destas instituições directamente suportadas pelos apoios oficiais, apareceram, já na segunda metade dos anos 80, grupos literários de novíssimos escritores, entre os quais Ohandanji (J. A. S. Lopito Feijó K., Luís Kandjimbo e outros) e o formado em torno da revista *Archote* e de E. Bonavena, este último pugnando por um *delírio azul* da literatura, isto é, a sua libertação de tutelas estéticas e outras.

Outro aspecto importante das literaturas africanas de língua portuguesa é o da tendência que teve a crítica e parte da própria intelectualidade africana de, em certos casos de diáspora, não os considerar como pertencentes ao património literário dos seus países. Em Angola, mais recentemente, um jovem escritor como José Eduardo Agualusa, mesmo premiado no seu país, com o romance *A conjura* (1989), e de que acaba de sair o volume de contos *D. Nicolau Água-Rosada e outras histórias verdadeiras e inverossímeis* (1990), nem sempre é admitido, em conversas informais, como legítimo escritor angolano, por ter vivido sempre em Lisboa. A sua narrativa procura retomar episódios históricos, com ambiência coetânea, em que a ironia, o humor e o fantástico contrabalançam a seriedade cultista do conteúdo e da linguagem de norma europeia.

José Eduardo Agualusa, João Maimona, J. A. S. Lopito Feijó K., José Luís Mendonça, Paula Tavares, E. Bonavena, Ana de Santana e Luís Kandjimbo, com obra publicada, formam o naipe mais talentoso, criativo e inovador da novíssima literatura angolana (descontados os percalços naturais de quem começa).

João Maimona publicou *Trajectória obliterada* (1985), *Les roses perdues de Cunene* (1985), *Traço de união* (1987) e *As abelhas do dia* (1989), todos de poesia, além de *Diálogo com a peripécia* (1987), teatro. O seu último livro de poesia é um achado de circularidade de imagens e expressões, num processo de retorno estilístico e expressivo que se desvincula de qualquer remessa mimética para fora do texto. A sua poesia mais recente parece integrar-se numa es-

tratégia neo-romântica ou mesmo determinantemente *neo-fin-de-siècle*, com o abandono do explícito compromisso social ou político, como fora timbre de parte importante da poesia da pós-independência. É um poeta que, pela sua formação, procura, logo à partida, espaços de reconhecimento por parte de leitores não necessariamente angolanos, pois, sendo criado no Zaire, é um dos poucos escritores de prática textual bilingue, que procura publicar em jornais e revistas fora do seu país.

O exemplo mais flagrante deste novo espírito de abertura por parte de alguns às mais amplas novidades do mundo para uso muito pessoal, conquistando novos espaços de modernidade e de divulgação, é o de Lopito Feijó, que publicou, em Angola, duas pequenas plaquetas marginais de poemas, *Me Ditando* (1985), *Rosa cor de rosa* (1987) e um título, *Doutrina* (1987), pela União dos Escritores Angolanos, e, na Galiza (Espanha), *Cartas de Amor* (1990), poemas. Ambos estes escritores da nova geração angolana têm publicado poemas fora de Angola, nomeadamente Lopito Feijó, pelo menos em publicações da Galiza, Brasil e Portugal. Os seus poemas caracterizam-se, desde sempre e no geral, por um humor sarcástico ou pesaroso que desconstrói tanto os tutelares discursos ideológico e político quanto o cultural e o amoroso, para não contraditoriamente, neles se construírem. Os textos dependem bastante do visual e da desconstrução linear (inclusive a nível do vocabulário), que os abre às significações cruzadas.

No ensaísmo literário, José Carlos Venâncio, no livro *Uma perspectiva etnológica da literatura angolana* (1987) tentou uma abordagem étnica do conceito de *angolanidade* literária, todavia tirando conclusões tão imprevistas como a de considerar Ruy Duarte de Carvalho um poeta português, se bem que, tal como o poeta colonial Tomás Vieira da Cruz, integrado na angolanidade (p. 112). Também David Mestre fez uma incursão no livro ensaístico, reunindo em *Nem tudo é poesia* (1987) vários trabalhos curtos, mas muito seguros, sobre poetas, poesia e crítica literária africanóloga. O mais recente ensaísta chegado à edição em livro é Luís Kandjimbo, que, nos *Apuros de vigília* (s/d.-1988), mau grado certas inconclusividades, parece insinuar-se como um estudioso muito preocupado com o rigor histórico e ideológico em torno das questões de consciencialização cultural e nacionalista, de identidade nacional na literatura e de literatura e crítica literária.

No momento em que escrevemos este texto (Julho de 1990), terão já saído, em Angola, dos prelos de uma editora portuguesa mais duas dúzias de títulos da literatura angolana, incluindo muitos novos textos.

4

Em Moçambique, após a independência (25-6-1975), os escritores "veteranos" reeditaram livros há muito esgotados ou lançaram novos títulos. Orlando Mendes, falecido recentemente, publicou dois volumes do *Pais emerso* (1975 e 1976), *Produção com que aprendo* (1978), *Lume florindo na forja* (1980), *Sobre literatura moçambicana* (1982) e *As faces visitadas* (1985), abrangendo a poesia, a intervenção sócio-crítica e cultural e a antologia. José Craveirinha continua um autor de quatro livros: depois de *Chigubo* (1964, reeditado em 1980 com o texto integral), saíram *Karingana ua karingana* (1974), *Cela 1* (1980) e *Maria* (1988), respectivamente uma recolha diversificada dos seus poemas, alguns antigos, um "testemunho" da prisão e uma sentida homenagem à falecida esposa. Rui Nogar apenas publicitou *Silêncio escancarado* (1982) e Luís Bernardo Honwana voltou a publicar *Nós matámos o cão tinhoso* (edição original dos anos 60). Outros exemplos podiam ser aduzidos, mas o importante é salientar que destes ou de outros escritores (fundamentalmente poetas) continuam muitos textos por ver a luz do dia, havendo ainda quem goze de méritos imorredoiros (cite-se Noémia de Sousa) sem qualquer livro publicado. Neste panorama, quebrar a rotina já pode considerar-se um gesto magnífico.

A Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) é fundada em 1982, passando a editar uma colecção de poesia, Timbila, e outra de narrativa, Karingana. O Instituto Nacional do Livro e do Disco também suporta edições. Colecções como Início e Cadernos Tempo, as páginas literárias (algumas efémeras) do *Notícias da Beira* e do *Notícias* (do Maputo), além da rádio, acolhem a criação literária. A revista *Charrua* (1984-86) serviu para lançar os novísimos: Pedro Chissano, Hélder Muteia, Juvenal Bucuane, Ungulami Ba Ka Khosa, Marcelo Panguana, alguns com livros publicados, mas dos quais resta esperar textos que os afirmem como escritores fundamentais.

Outros escritores, como Eduardo White, Mia Couto, Luís Carlos Patraquim ou Jorge Viegas (os dois últimos a viverem actualmente em Portugal) desenvolvem linhas literárias tanto de intensa recriação do imaginário popular (como nos contos de Couto) quanto de atenta adopção de discursos, por um lado, respeitadores da tradição literária portuguesa (ecos dos clássicos na poesia de Viegas), por outro, de parentela luso-brasileira (Eugénio de Andrade, Ramos Rosa, Herberto, Drummond de Andrade, João Cabral, Clarice Lispector, Sophia de Mello Breyner, etc.), para já não falar de outras aproximações (franceses e sobretudo anglo-saxónicas). A cultura anglófona foi sempre, em Moçambique, uma presença muito forte, não só por razões de óbvia proximidade linguística (é um país envolvido por outros de língua oficial inglesa), como também por opções cosmopolitas e universalistas, por vezes de um certo despauamento. Não foi por mero acaso que Moçambique viu sair, após a independência, o maior contingente de escritores de reconhecida qualidade ou de prometedoras potencialidades: Eduardo Pitta, Sebastião Alba, Rui Knopfli, Jorge Viegas, Ascensão de Freitas, Lourenço de Carvalho, Mutimati Barnabé João, Luís Carlos Patraquim, Glória de Sant'Anna, Eugénio Lisboa, etc. Ainda hoje se discute quem é moçambicano. Nas páginas da revista *Tempo*, este ano (1990), a questão retornou à superfície, o mesmo acontecendo em Portugal, onde Manuel Ferreira, respondendo a uma provocação de Eugénio Lisboa, declarou não considerar Glória de Sant'Anna uma escritora moçambicana (polémica no *Jornal de Letras*, em meados do ano). A questão está longe de terminada.

Mia Couto é o escritor, revelado após a independência, que melhor se tem vindo a impor nalguns círculos internacionais, para já em Portugal e, em menor escala, também na Itália e Inglaterra. Depois de um livro de poemas, *Rais de orvalho* (1983), a recolha de contos *Vozes anoitecidas* (1986) teve bom acolhimento, saindo agora (Julho de 1990), em Portugal, o seu segundo livro, *Todo o homem é uma raça* (1990), quarto título de sua bibliografia, após uma recolha de crónicas, *Cronicando* (1989).

Os novos escritores acabam de chegar à gestão da sua Associação, para a qual foram eleitos no corrente ano, numa renovação mais drástica do que a ocorrida na sua similar angolana, onde os "clássicos" mantiveram a maior parte dos lugares disponíveis. Acontece, porém, que muitos dos jovens escritores guindados a tarefas de grande responsabilidade não possuem ainda uma obra de verdadeira e inequívoca

voca qualidade literária, mas tal ocorre também na sua congénere portuguesa. Ora no primeiro semestre de 90, nas páginas literárias da revista *Tempo*, dirigidas por Nelson Saúte, rebentou uma polémica em torno da qualidade ("referência obrigatória" ou não) de alguns desses escritores, que o crítico Daniel da Costa considera muito promovidos sem razão aparente de ser. Concordamos que um Helder Mutéia não tem obra que se possa comparar à de um angolano como João Maimona, mas vários articulistas reagiram muito mal a esse colocar o dedo na ferida, denunciando assim que o critério de exigência não parece muito alto.

Muitos outros nomes poderiam aqui ser citados, com livro publicado ou textos dispersos, mas talvez seja mais acertado esperar por resultados menos contingentes, sobretudo por parte da nova geração, tão pressurosa em afirmar-se (como é timbre das novas gerações) aos olhos da consagrada, da que historicamente lançou os fundamentos da nacionalidade literária.

5

Na literatura caboverdiana os sobressaltos da independência não provocaram uma nítida ruptura, isto é, uma significativa mudança na linha evolutiva. Textos de claro anti-colonialismo e mesmo de combate existiram, embora de modo diferente das outras colónias africanas de língua portuguesa, mas não tiveram a importância verificada nas literaturas angolana e moçambicana. A literatura caboverdiana, na globalidade, manteve uma linha prevalecente de temas e estratégias textuais e estilísticas muito mais subtil que a angolana, empenhada, portanto, num lirismo por vezes contemplativo, que se sobrepunha ao sobressalto ideo-social e político. A solução de continuidade impediu o aparecimento de uma literatura laudatória e enfeudada ao novo poder político.

Com a independência, os poemas de Baltasar Lopes e os seus contos foram finalmente agrupados em volumes e outros escritores puderam publicar em liberdade textos cujo conteúdo, antes, no mesmo território, os levaria à prisão, como no caso de *O primeiro livro de Notcha*, de Timóteo Tio Tiofe (pseudónimo de João Vário). O romancista Teixeira de Sousa, que publicara um livro de contos, *Contra mar e vento* (1972), tornou-se no mais prolixo e abrangente escri-

tor, com livros herdeiros do grande romance épico, social e realista dos anos 30 e 40 (do Brasil, Estados Unidos, Itália e Portugal). Saíram *Ilhéu de contenda* (1978), *Capitão de mar e terra* (1984), ambos sobre o período colonial, e *Xaguete e Djunga* (1990), com histórias decorrentes da independência, mas sempre analisando o passado das ilhas e seu cortejo de temas comuns a boa parte dos escritores: a miséria, a emigração, a insularidade, a revolta, a amorabilidade, etc.

Uma escritora revelada tardiamente em livro, Orlanda Amarílis, mulher de Manuel Ferreira, publicou três volumes de contos: *Caisdo-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos pássaros* (1982) e *A casa dos mastros* (1989). Por esse facto, aliado à qualidade estética, tornou-se numa importante escritora dos cinco países. São contos sobre a infância, a diáspora, o sonho da realização pessoal, em que as personagens femininas desempenham um papel de grande relevo.

Também Oswaldo Osório, que começara a escrever antes da independência, publicou dois títulos a considerar no contexto caboverdiano: *Caboverdeamente construção meu amor* (1975) e *Clar(a)idade* (1987), de poesia empenhada politicamente, mas, no último caso, ultrapassando essa limitação. O poeta Arménio Vieira, que se pode considerar igualmente um "veterano", com poemas esparsos, viu reunida em livro a sua produção da década de 70, sob o título de *Poemas* (1981), ocupando, desde aí, um lugar de irreverência estética e discursiva algo semelhante ao de Rui Knopfli para Moçambique, em que a ironia e o sarcasmo pontificam em larga escala.

Por certo que o aparecimento de duas importantes revistas culturais marcou em definitivo a eclosão de uma nova geração nascida com a independência. A revista *Ralzes* (1977-1984) teve um carácter oficial, que *Ponto & vírgula* (1983-1986) procurou evitar (até por partir da iniciativa de um grupo privado). Em *Ralzes* publicaram-se importantes trabalhos documentais, estudos e criação literária. A segunda revista assumiu, por vezes, o carácter de rebelião e crítica estética e mesmo ideo-política, como quando criticou os fuzilamentos na Guiné-Bissau. Isso valheu-lhe um lugar único na imprensa cultural africana da pós-independência, favorecido pelo ambiente intelectual, mais aberto do que nos outros quadrantes (mas não tanto como o seu grupo promotor desejava).

Dos novos escritores será justo destacar os que pugnam pela melhor utilização de um crioulo literário (Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe são países onde se fala crioulo), como Tomé Vare-

la da Silva e Manuel Veiga, este último com um romance escrito numa norma que se afasta da tradicional, *Oju d'agu* (1988). João Rodrigues, Maria Margarida Mascarenhas, Germano Almeida, Sukre D'Sal e Kwame Kondé (este no teatro) são escritores que, não pertencendo todos à mesma geração, se revelaram nos últimos 15 anos, sem atingirem ainda um elevado nível estético. A última revelação é o romance *A verdadeira dimensão* (1990), de Vasco Martins, que já publicara uma *plaque*-álbum de poemas e se firmara como músico de formação erudita tratando de temas tradicionais do arquipélago. Em geral, com o aparecimento de novas páginas literárias, na continuidade do suplemento do jornal *Voz di povo*, está-se ainda numa fase de reanimação da actividade literária, à espera que novos talentos confirmem alguma expectativa. E o balanço parece ser inferior, em qualidade, aos que se façam sobre Angola ou Moçambique.

6

O lugar dos mais representativos escritores são-tomenses da pré-independência está definido com uma nitidez que seria impensável há poucos anos. Costa Alegre e Francisco Stockler, no século XIX, e Marcelo Veiga, Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo, Maria Manuela Margarido e Tomás Medeiros, no actual, compõem o frizo de poetas consagrados do período da pré-independência. Na narrativa, entre outros autores, tem de considerar-se como importante Sum Markey (pseudónimo de José Ferreira Marques), autor de vários romances de escrita pouco depurada mas de que convém, conhecer, entre outros títulos, *Vila flogá* (1963). Viana de Almeida, Mário Domingues e mesmo Francisco José Tenreiro representam, consoante os casos, um contributo importante quer para a literatura da era colonial quer para o ensaio esporádico de um caminho contístico não oral. Dos poetas já falecidos, Costa Alegre, Marcelo Veiga e F. J. Tenreiro, avultam os textos, principalmente do último, como contributo imprescindível para a renovação estética e semântica da história das cinco literaturas. De alguns escritores só após a independência foi possível assistir à publicação da sua obra. Alda Espírito Santo publicou *É nosso o solo sagrado da terra* (1978) e o corpus literário de Marcelo Veiga, antes tido como escasso, ficou finalmente estabelecido, com a publicação de *O canto do ossóbó* (1989), graças ao trabalho de Manuel Ferreira.

Da União Nacional dos Escritores e Artistas (UNEA), lançada somente em 1986, dependerá porventura muito do esforço de dinamização literária, uma vez que não existe um curso superior de letras. Enquanto isso, novos escritores divulgam os seus escritos. Ora na pós-independência, tal como aconteceu em Angola e Moçambique, a produção literária são-tomense experimentou a vertigem da exaltação patriótica, continentalista e proletária, como se pode verificar pelo exemplo de Carlos Espírito Santo, na *Poesia do colonialismo* (1976). Nesta época, saem as *Antologia Juvenil de São Tomé e Príncipe* (1977) e a *Antologia Poética de São Tomé e Príncipe* (1978), a primeira da responsabilidade de um docente português que foi cooperante em São Tomé e a segunda de Carlos Agostinho das Neves. A partir daí passa a haver condições para o surgimento de novos nomes literários, alguns pela primeira vez, com um conjunto de poemas, no segundo daqueles trabalhos antológicos, como sucedeu com Armino Vaz, Carlos Neves e Ana Maria Deus Lima.

Aparecem Sacramento Neto, com *Tonga Sofia* (1981) e Milongo (1985), Frederico Gustavo dos Anjos, com *Bandeira para um cadáver* (1984), Albertino Bragança, com *Rosa do Riboque e outros contos* (1985), Mano Barreto, com *Sam gente* (1985) e Conceição Lima, com uma colectânea em preparação e poemas publicados dispersamente. Nenhum destes novos escritores atingiu já a qualidade e a representatividade que possibilitem recomendá-lo como uma surpreendente leitura ao público de outras latitudes. Neste momento, são os depositários da herança revolucionária dos antecessores e, embora com uma razoável tradição literária para a pequena dimensão do seu país, eles suportam o ónus das profundas mudanças históricas a que não se podem furtar. Resta esperar pelos novos livros.

7

O panorama literário da Guiné-Bissau é o mais desolador de quantos temos vindo a apreciar. Nunca existiu uma tradição literária consistente, devido ao abandono a que a colónia foi votada, em comparação com Angola ou Moçambique. Basta dizer que, em 1966, o primeiro liceu de Bissau, criado oito anos antes, tinha 400 alunos, dos quais somente 240 eram africanos. Destes, apenas um número muito restrito conseguiu estudos superiores.

Na época colonial, o escritor Fausto Duarte, de origem cabo-verdiana, com *Aud* (1934) e *A revolta* (1942), entre outros títulos, pode considerar-se como um precursor importante da literatura guineense a edificar(-se). Após a independência, surgem duas antologias poéticas, *Mantinhas para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau* (1977) e, em crioulo, *Antologia dos jovens poetas* (1978), na sequência das quais Vasco Cabral dá a público o seu canto político em verso, *A luta é a minha Primavera* (1981). Para o alargamento do património literário guineense não será dispicienda a narrativa africana do português João Ferreira, *Uaná* (1986), editada em São Paulo e raramente referida como podendo integrar-se na (interessar aos leitores da) instituição literária e guineense. Em 1987, foi fundada a União Nacional de Artistas e Escritores (UNAE), na sequência da Liga dos Escritores dos Cinco (LEC).

Posto isto, resta acrescentar que, entre muitos dos que se vêm dedicando à literatura, um dos poucos nomes a destacar-se do panorama de reduzido interesse estético é Helder Proença, que publicou a prometedora recolha de *Não posso adiar a palavra* (1982).

BIBLIOGRAFIA (Período Pós-Independência)

- Ferreira, Manuel, *Literaturas africanas de Expressão portuguesa*, São Paulo, Ática, 1987.
- Laranjeira, Pires, "A nova geração da literatura angolana", in *Jornal de Angola* (29-10 e 5-11-1989), Luanda, pp. 12.
- Lopes, José Vicente, "Novas estruturas poéticas e temáticas da poesia cabo-verdiana", in *Ponto & Virgula*, 16 (Janeiro/Julho de 1986), S. Vicente (Cabo Verde), pp. 19-23.
- Mata, Inocência, "A literatura santomense, hoje", in *Cadernos do Povo - Revista Internacional da Lusofonia*, 5-14 (1988-89), Pontevedra/Braga, Fundação Europeia Viqueira, pp. 157-161.
- Medina, Cremilda de Araújo, *Sonha mamana África*, São Paulo, Epopeia, 1987.
- Mendonça, Fátima, "Literatura moçambicana: dez anos depois", in *Literatura moçambicana, a história e as escritas*, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, 1989, pp. 55-67.
- Riáuzova, Helena, *Dez anos de literatura angolana*, Luanda, UEA, 1987.
- Semedo, Manuel Brito, "Guiné-Bissau: renascimento da literatura?", in *África* (6-10-1988), Lisboa, Vozes da Tribo, p. 28.